

UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL APLICADA A TRABALHADORES DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE¹

AN EXPERIENCE ON ENVIRONMENTAL EDUCATION APPLIED TO PUBLIC HEALTH SYSTEM WORKERS

**Cristina Roveré Gehling², Daniela da Motta Esteves², Eveline Rodrigues²,
Evelise Tarouco da Rocha², Iane Maria da Silva², Janice Castilhos Gomes²,
Luana Machado Silveira² e Miriam Suzéte de Oliveira Rosa³**

RESUMO

Apesar do crescente interesse sobre a educação ambiental e saúde na sociedade, a formação acadêmica ainda tem se mantido distante quanto à capacitação de profissionais de saúde com conhecimento e envolvimento sobre as questões ambientais. A Universalidade, como um princípio do Sistema Único de Saúde de assegurar a *saúde como um direito de todos* e como um *direito humano à manutenção da vida individual e social*, torna imprescindível a formação dos profissionais de saúde neste âmbito. Trata-se de um relato de experiência de uma atividade desenvolvida por alunas do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que visou construir e aplicar estratégias pedagógicas de sensibilização aos trabalhadores de saúde para a educação ambiental, embasadas nos fundamentos do *Sentipensar* e no conceito de universalidade de modo a formar agentes multiplicadores para a educação ambiental. A experiência desenvolvida proporcionou interação com a temática contextualizada aos ambientes de trabalho.

Palavras-chave: capacitação em serviço, educação em saúde, universalidade como direito.

ABSTRACT

Despite the growing interest in environmental education and health in society, academic courses of the health area still neglect the training of health professionals with knowledge about environmental issues. Universality, as a principle of the Public Health System to ensure health as a common right and as a human right to the maintenance of individual and social life, can only be attained through the training of health professionals with this conviction. This is an experience report of an activity developed by students of the Master Degree Program in Health Teaching of the Medicine School at the Federal University of Rio Grande do Sul. The article reports the aim to build and apply teaching strategies to raise awareness on health workers for environmental education. This study is based in the fundamentals of Sentipensar and the universality concept in order to form multipliers for environmental education. The experience developed some interactions with its theme in the work environments.

Keywords: *in-service training, health education, universality as a right.*

¹ Trabalho de Iniciação à Docência com a utilização de métodos investigativos.

² Alunas do Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional - Faculdade de Medicina/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Docente e Orientadora do Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional - Faculdade de Medicina/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: msarievalo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os consumidores da sociedade de consumo [...] precisam de coletores de lixo, e muitos, e do tipo que não evitará tocar e manusear o que já foi destinado ao monte de dejetos - mas os próprios consumidores não se dispõem a fazer o trabalho dos coletores. Afinal, foram criados para obter prazer com as coisas, e não sofrimento (BAUMAN, 2005, p. 76).

A temática do meio ambiente está na pauta de conversas em vários segmentos da sociedade contemporânea. Muito se tem reivindicado a respeito de respostas e soluções para a crise ambiental, dado que, cada vez mais, a sociedade tem sofrido os efeitos da ação predatória do homem, manifestada através de grandes desastres socioambientais. Tais desastres têm afetado famílias e comunidades inteiras, grandes e pequenas cidades, estados e países, gerando impactos também de ordem socioeconômica e afetando diretamente as condições de saúde da sociedade (MORAES; DE LA TORRE, 2004).

Apesar de a sociedade já vir discutindo e percebendo a importância da qualidade do ambiente na saúde, este tema ainda não está na pauta das pesquisas científicas, mostrando que a mudança vem sendo lenta e gradativa, não só na educação da sociedade, mas também no meio acadêmico, tendo em vista a insuficiente produção e publicação de artigos nesta área. Da mesma maneira, a formação acadêmica tem permanecido distante no que tange à formação de profissionais com conhecimento e envolvimento com a questão ambiental, principalmente no campo da saúde (VIEIRA; OLIVEIRA, 2011; CAMPONOGARA et al., 2012).

Como alunas de um Programa de Pós-graduação que se propõe a incidir na formação de trabalhadores para o Sistema Único de Saúde (SUS) que sejam capazes de atuar e desenvolver métodos de ensino e pesquisa no contexto das redes de atenção à saúde, salienta-se a aplicação do conceito ampliado de saúde nas práticas e no cotidiano dos serviços de saúde nos quais se está inserido. Isso envolve também a responsabilização com a causa ambiental e uma discussão aprofundada sobre esta temática dentro dos princípios e diretrizes do SUS. Considerando o conceito constitucional da Universalidade, como determinante do dever estatal de assegurar a saúde como um direito de todos, e o conceito da ciência política, como um direito humano à manutenção da vida individual e social, pode-se refletir sobre o dever do SUS de ampliar suas ações para além da garantia de acesso universal aos serviços de saúde, mas também de atuar sobre os determinantes sociais relacionados à manutenção da vida, individual e coletiva, incluindo os aspectos ambientais.

A compreensão de que a saúde das pessoas e da sociedade é uma construção social nos remete à necessidade de desenvolver estratégias de formação junto aos profissionais da saúde que tragam, além de um debate conceitual, uma discussão aprofundada que provoque nos sujeitos uma reflexão ética sobre o tema dentro dos cenários do ensino e do trabalho e nas redes de atenção à saúde (MATTIONI; BARCELLOS, 2010; CAMPONOGARA et al., 2012). Entende-se, portanto, que é imprescindível a aproximação do setor da saúde da educação ambiental, sendo uma potente

estratégia a utilização de fundamentos educacionais no desenvolvimento de ações de sensibilização e formação dos profissionais de saúde sobre o tema do meio ambiente.

Segundo a Teoria Autopoiética de Maturana e Varela, “[...] educar é um fenômeno psicossocial e biológico que envolve todas as dimensões do ser humano, e total integração do corpo, da mente e do espírito, ou seja, do sentir, pensar e atuar” (MORAES; DE LA TORRE, 2004, p. 55). Compreende-se, então, que educar envolve atuar e interagir com subjetividades e significados. Envolve, também, reconciliar o processo de construção do conhecimento e a maneira dinâmica na qual a vida acontece, sendo necessário compreender que todas as ações desempenhadas pelo ser humano são reflexos de sua forma de se relacionar com o mundo, seus sentidos e suas percepções, bem como o fato de que, para desenvolver estratégias educacionais, é preciso trabalhar com todos estes aspectos inerentes à natureza humana.

Sentipensar é um termo criado pelo professor Saturnino De La Torre e indica “o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento (...), é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar” (MORAES; DE LA TORRE, 2004, p. 54).

Assim, percebe-se que, para educar nos fundamentos do *Sentipensar*, é necessário proporcionar um encontro emocional entre o significante e o significado, sendo indispensável para se conseguir a participação efetiva dos indivíduos a utilização de estratégias de sensibilização das pessoas envolvidas, de maneira que elas possam sentir que são parte efetiva do processo. Ações dissociadas e impostas sem envolvimento emocional deixam de ter sentido e passam a ser vistas como mera transmissão de informação, sem nenhum efeito, ou como imposição, não sendo, por fim, efetivadas. Somente haverá participação de uma comunidade consciente e sensibilizada se, para aquilo que for proposto, seja dado algum sentido. A teoria Autopoiética de Maturana e Varela que os autores Moraes e De La Torre utilizam como suporte fundamenta a construção interativa entre pensar e sentir. Tal teoria pressupõe que viver e aprender são o mesmo processo que envolve auto-organização, autorregeneração e autoconstrução e no qual a dimensão emocional tem um papel destacado. É uma teoria que reconhece a inscrição corporal dos processos cognitivos e colabora para a construção de ambientes de aprendizagem propícios à construção de conhecimento e ao desenvolvimento de valores humanos (MORAES; DE LA TORRE, 2004).

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem (MATURANA, 1998, p. 29).

Entende-se que os problemas ambientais refletem-se nos problemas de saúde. Daí a importância de promover o debate sobre a interface da saúde e do meio ambiente, considerando que os trabalhadores de saúde têm papel importante no desenvolvimento de ações de Educação em Saúde, incluindo a educação para o meio ambiente: “[...] a responsabilidade ambiental, na medida em que gera mudança de postura, deve fazer parte não só da prática profissional, mas também do cotidiano das pessoas” (CAMPONOGARA et al., 2012, p. 44).

Promover momentos de formação de multiplicadores junto às comunidades é uma potente estratégia de se abrir o campo da saúde para a problematização das questões ambientais locais e aproximar os serviços de saúde da comunidade. Assim, o presente estudo objetiva relatar uma experiência vivenciada de educação ambiental baseada nos fundamentos do *Sentipensar* e no conceito de Universalidade aplicada aos trabalhadores do Sistema Único de Saúde, no qual se buscou formar multiplicadores da educação em saúde com a interface do cuidado com o meio ambiente.

METODOLOGIA PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA

Este trabalho é fruto de uma atividade desenvolvida por um grupo de alunas do Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde, em nível de Mestrado Profissional, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele foi realizado durante uma disciplina com o objetivo de desenvolver uma atividade educativa que problematizasse questões relacionadas a situações ambientais comuns e aplicáveis a qualquer comunidade/serviço de saúde. A metodologia pedagógica ativa propõe um arremedo de pesquisa-ação em que a aprendizagem e a produção de saberes se concretizam durante a própria efetividade de sala de aula. A turma, composta por dezenove alunas, tinha acordado previamente a participação na atividade educativa como uma possibilidade de imersão coletiva no sentido de buscar soluções para problemas enfrentados nos locais de trabalho. Pela característica da ação, com enfoque mais educativo do que de pesquisa, em que todas participantes seriam coautoras da produção dos saberes, nos pareceu desnecessário encaminhar ao comitê de ética.

A construção da atividade envolveu, aproximadamente, quatro meses, de agosto a novembro de 2013, sendo aplicada com as alunas do Programa de Pós-Graduação de Ensino na Saúde, na modalidade de Mestrado Profissional, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, totalizando 19 profissionais de diferentes formações acadêmicas e pessoais que buscam, efetivamente, o trabalho multiprofissional através da religação dos conhecimentos diversos. Todos os participantes na atividade são profissionais que atuam no campo da saúde pública: Assistentes Sociais, Enfermeiras, Farmacêuticas, Fisioterapeutas, Fonoaudiólogas, Médicas, Odontólogas, Pedagogas, Psicólogas e Terapeutas Ocupacionais. Todas elas estão envolvidas, direta ou indiretamente, com processos de formação e ensino em saúde. Essa construção se deu de forma coletiva, desde a escolha do conteúdo teórico que embasaria a discussão até a escolha da metodologia

a ser utilizada no momento da aplicação/realização da atividade, que se materializou em uma oficina. A escolha pelo desenvolvimento de uma oficina se deu por sua característica enquanto estratégia do fazer pedagógico, por sua potencialidade de promover um espaço de construção e reconstrução do conhecimento, sendo um lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma igualitária na qual a relação humana se dá (ANASTASIOU, 2004).

Devido a estas características, lança-se mão de uma série de recursos que a oficina permite, como o uso de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo e experiências práticas, cujo objetivo foi proporcionar ao coletivo de participantes a vivência de ideias, sentimentos, experiências, em um movimento de reconstrução individual e coletiva, reforçando este ambiente educacional como um espaço de ação/reflexão fundado na emoção, nos sentimentos gerados e na convivência. Na realização da oficina, utilizou-se também a *estratégia de ensinagem de solução de problemas*, uma vez que esta visa processos de construção do conhecimento estimulando ou ampliando a *significação* dos elementos apreendidos em relação à realidade (ANASTASIOU, 2004). Portanto, toda a atividade objetivou também a construção de estratégias de resolução de problemas reais, problemas relacionados à questão ambiental que fazem parte do cotidiano de trabalho dos participantes. O trabalho foi dividido em três momentos, e foi seguido de uma avaliação final escrita entregue pelos participantes, com duração total aproximada de quatro horas. No primeiro momento, foi apresentada aos participantes a motivação para a realização da oficina, tendo sido feita a audição coletiva da música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes, seguida por uma reflexão acerca dos seus significados. Após, foi exibido um vídeo intitulado “Preservação do Meio Ambiente”, que exemplifica a ação do homem e seu impacto no meio ambiente, seguido de uma reflexão sobre o exposto. A audição da música e do vídeo teve como objetivo sensibilizar os participantes para a importância da água para a sobrevivência do planeta e de todos os seres vivos, além de conscientizar o grupo sobre nossa responsabilidade perante as intervenções que fazemos na natureza e que refletem em modificações significativas no meio ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considera-se que o objetivo, neste momento inicial, foi plenamente atingido, apesar de uma participante ter avaliado que “*foram trabalhados muito enfaticamente os pontos negativos (homem + ambiente)*” [...]. “*No entanto, devemos valorizar aspectos e iniciativas positivas também, como experiências de grupos, ONGs, projetos, dentre tantos outros*” (Participante A). Na avaliação geral dos participantes, a utilização dos recursos audiovisuais foi “*muito agradável*” e eles “*permitiram uma reflexão interior sobre as nossas práticas enquanto profissionais e cidadãos*” (Participante B). Ainda, segundo a avaliação dos participantes, “*houve coerência do tema proposto com os vídeos e dinâmicas de sensibilização (sentir e pensar)*” (Participante C),

“Aula visual, atrativa, som agradável” (Participante D) “Video/música - já iniciaram a aula nos sensibilizando” (Participante E).

No segundo momento, as participantes foram divididas em pequenos grupos, de no máximo cinco pessoas, sendo distribuídos a elas recortes de jornais e/ou revistas que relatassem problemas ambientais. As reportagens foram utilizadas como elemento motivador para que em grupos menores, se pensasse sobre as questões relativas ao meio ambiente de uma forma ampliada. Após esta distribuição foi realizada uma explanação teórica e conceitual sobre o problema ambiental, sendo solicitado aos pequenos grupos que pensassem sobre o meio ambiente em seu local de trabalho, com ênfase na discussão sobre o descarte do lixo e o uso da água. Cada grupo deveria pensar, discutir e refletir sobre os seus problemas e desenvolver estratégias de trabalho junto às suas comunidades locais bem como encaminhar propostas de soluções aos gestores dos serviços de saúde.

A avaliação dos participantes em relação ao uso desta metodologia de discussão em pequenos grupos e breve explanação teórico-conceitual foi bastante positiva, uma vez que nos foi relatado que “o suporte teórico foi bem descrito” (Participante F), proporcionando uma “aula sucinta e clara conceitualmente” (Participante G), e a “oportunidade de dialogar com os colegas a temática ambiente fez aprofundar as questões”. (Participante B).

No terceiro momento, a continuidade da oficina foi realizada ao ar livre, com o objetivo de proporcionar o contato dos participantes com o meio ambiente natural. Foi realizado um breve intervalo com um piquenique, em um gramado dentro das dependências externas da própria Universidade, para se experimentar a convivência no ambiente ao qual o grupo está inserido. Após o intervalo, o grupo permaneceu neste local, sendo solicitada aos pequenos grupos a socialização das suas discussões, para que, de forma coletiva, pudessem construir alternativas para as questões levantadas.

Foi percebido neste momento que o objetivo tinha sido atingido, diante da coletividade, montando estratégias de resolução de problemas reais, onde, segundo avaliação dos participantes, “a atividade nos pequenos grupos, quando relatada na roda, proporcionou a divulgação de informações importantes para todos, valorizando o saber e a experiência dos colegas, num momento de partilhar nossos saberes”, uma vez que a “a discussão trouxe saídas aos problemas” (Participante N) que enfrentamos no nosso cotidiano de trabalho.

Uma das discussões do cotidiano de trabalho que surgiu diz respeito ao descarte de medicamentos e a questão do material biológico nas Unidades de Saúde. Percebeu-se que, apesar dos diferentes locais de trabalho, experiências e categorias profissionais, os problemas são parecidos quando se trata da temática. A discussão permitiu inferir que existe ainda falta de informação por parte dos profissionais e comunidade sobre o descarte adequado de medicamentos, além de um suporte logístico para isto. O problema é real, pois os usuários levam os medicamentos até as unidades. A falta de conhecimento relacionado à Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei nº 12.305/2010 e demais legislações, como a RDC ANVISA n.º 306/2004 e CONAMA n.º 358/2005, dificulta a implantação

de um plano de gerenciamento de resíduos de serviços de saúde. Desta forma, ocorre o descarte inadequado no ambiente desses materiais, ocasionando graves problemas à saúde, tais como acidentes com materiais perfurocortantes, contaminação do solo, da água, dos animais, entre outras questões.

Conforme Resolução nº 306 da Diretoria Colegiada RDC, de sete de dezembro de 2004, todo o gerador de resíduos nos serviços de saúde deve ser responsável pelo manejo, segregação, acondicionamento, transporte e disposição final dos mesmos (BRASIL, 2004).

De acordo com a experiência das profissionais, o nível local dos serviços seria responsável direto pelas três primeiras ações, ou seja, pelo manejo, segregação e acondicionamento dos resíduos. O transporte e o descarte dos resíduos seriam de competência de outros níveis da hierarquia do Sistema. Na prática desses dois últimos procedimentos, na maioria dos casos, têm sido terceirizados pelas Secretarias. Foi identificado pelas participantes que existe uma fragilidade também no que diz respeito a esses serviços, como no caso das equipes de higienização que, muitas vezes atuam sem nenhuma capacitação e isto, também, é um reflexo da falta de fiscalização dos contratos entre Secretarias Municipais da Saúde e empresas prestadoras.

A riqueza do debate que envolveu um contexto interdisciplinar foi percebida quando surgiram várias alternativas para o enfrentamento do problema, questões aplicáveis que poderiam ser utilizadas no contexto dos diversos locais de trabalho das profissionais ali presentes. Houve a exposição do problema e sugestões propositivas construídas coletivamente. Esta percepção se evidencia na avaliação de uma das participantes: *“Foi muito bom! A partir do exposto consegui pensar possibilidades de intervenção no meu cotidiano de vida e trabalho”*. (Participante H).

Frente ao exposto, percebeu-se que a educação ambiental desenvolvida com o grupo permitiu não só a corresponsabilidade pelo meio ambiente no trabalho, como também a perspectiva de que é fundamental adquirir novos hábitos no tratamento e na conservação do entorno. Com a efetivação de pequenas ações, pode-se ampliar a visão sobre o ecossistema do qual fazemos parte. O cuidado com a água e o ar, a redução do consumo e o descarte apropriado do lixo que se produz, seja em espaços públicos ou privados, são atos imprescindíveis na manutenção da vida.

...a formação ecológica nos proporciona uma visão mais ampla de humanidade, ultrapassando o olhar estreito e redutor presente nos interesses particulares. É também um modo de estimular os valores de generosidade e da filantropia, abrindo-nos em direção a horizontes sociais e humanitários mais amplos, mais de acordo com as demandas presentes e futuras. (MORAES; DE LA TORRES, p. 125, 2004).

Após a explanação dos pequenos grupos e a discussão ampliada, foi conduzida uma atividade de encerramento com alongamento corporal ao ar livre, cuja proposta foi tornar o ambiente de aprendizagem agradável devido aos sons da natureza, integrando o meio ambiente com os corpos, pensamentos e sentidos. Esta dinâmica também foi construída coletivamente, aonde cada participante ia agregando à atividade um movimento próprio. Esta dinâmica de alongamento, se-

gundo avaliação dos participantes, *“foi divertida e importante: física, mental e emocionalmente”* (Participante I).

No decorrer de toda a atividade desenvolvida, foram utilizados os fundamentos do *Sentipensar*, onde os sons, o olhar, a respiração e a leveza trazida pela natureza serviram como ferramentas estratégicas para provocar o pensamento e a aproximação do grupo com o meio onde se vive. Assim, os participantes puderam colocar-se no meio de forma a interagir com o mesmo, dando significado para cada uma das ações que se realiza diariamente, tornando-se então, multiplicadores deste agir.

Conforme avaliação final do grupo de participantes, a atividade educativa realizada *“foi bem estruturada, estava costurado e amarrado cada passo seguinte: conceito – fundamentos – subsídios/fundamentos – atividade grupo – compartilhar lúdico - integrar no movimento.”* (Participante J); *“A aula oportunizada no “pátio” foi uma benção, fez com que a reflexão em grupo fosse uma discussão interativa, importante, informativa, mas de uma forma leve, relaxada. O grupo está de parabéns!”*; *“Muito bom os vídeos propostos, a diversidade de metodologias, o debate em outro local, a atividade de alongamento e os conceitos teóricos expostos.”* (Participante K) *“Trabalho sobre a água; vídeos muito bons; aula sucinta e clara conceitualmente; a surpresa do piquenique; o alongamento.”* (Participante L); ainda foi relatado nas avaliações que: *“foi possibilitada a interação, as discussões foram bem fundamentadas; a organização do grupo adequada; dinâmica bem articulada; empenho do grupo foi perceptível”*. (Participante C); *“Considero que foi uma manhã muito prazerosa de trabalho, onde questões importantes foram debatidas com leveza e propriedade pelos componentes do grupo”*; (Participante I); *“A avaliação deste dia foi extremamente positiva uma vez que trabalhou os sentidos que para os autores do Sentipensar são extremamente importantes no processo educativo”*. (Participante M).

Dos pontos negativos: *“Local escolhido para lanche e atividade um pouco desconfortável (terreno acidentado e calça) e muito barulho. Muito tempo na mesma posição. Porque não promoveram um lanche mais saudável? Por exemplo: sem industrializados”*; *“O meio ambiente externo é e foi importante, mas a poluição sonora (carros, helicóptero) exige mais energia para falar, ouvir, escutar.”*; *“Por falta de preparo físico, o tempo a ficar acomodada não deve ser muito longo”*. (Participante N)

Também foram apontadas sugestões ao grupo executor da oficina: *“Apenas para fazer um breve apontamento da importância da educação neste processo, educação em casa e nas séries iniciais com os nossos pequenos que é nesta geração que temos que apostar todas as fichas”*. (Participante M)

Para finalizar, compreende-se que há uma necessidade de os profissionais se incluírem nos direitos que são de todos, conforme o princípio da universalidade pautado tanto na Constituição Federal de 1988, assim como na lei 8080/1990. A consequência deste afastamento do preceito constitucional tem produzido ruptura entre os que produzem os serviços e os que são usuários

dos mesmos. Da mesma forma que nos sentimos alijados do sistema como usuários, também não percebemos as consequências de nossos atos antiecológicos quando estamos nos espaços públicos dos serviços de saúde. Esta reflexão permitiu ao grupo se dar conta da importância de sua atuação e aquisição de valores como: corresponsabilidade, cooperação e solidariedade com os usuários e com a equipe de trabalho.

COMENTÁRIOS FINAIS

Diante da realização da atividade proposta e da avaliação final entregue pelas participantes, pode-se concluir que estamos plenamente ligados ao meio externo no qual estamos inseridos, sendo impossível desvincular a vivência individual da vivência coletiva, inclusive no desenvolvimento de atividades educacionais.

Quanto mais tempo for dedicado à vida em sociedade e ao seu encontro com o ambiente, mais serenidade e confiança haverá para agir em horas de tomada de decisão e de julgamento daquilo que **pareça** o correto.

Os fundamentos do *Sentipensar* aproximam o indivíduo do ambiente em que vive, dando significados a coisas antes despercebidas e até desconhecidas.

Na metodologia ativa utilizada na oficina, há uma facilidade de entender e reconhecer aspectos educacionais antes tidos como complexos, pois, a partir da troca com o meio, torna-se possível sentir-se parte do amplo ecossistema, do qual se deve cuidar e promover o cuidado. As implicações da aquisição de valores na formação acadêmica das profissionais vão desde levar em consideração que aprendizagens pertencem ao domínio das relações interpessoais até a percepção de que vivemos em uma rede de interdependência constante.

REFERÊNCIAS

ANATASIOU, Léa das Graças Camargo. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANATASIOU, Léa das Graças C.; ALVES, Leonir P. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: UNIVILLE, 2004.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. Disponível em: <<http://bit.ly/1EsLmGi>>. Acesso em: jan. 2014.

CAMPONOGARA, Silviomar et al. Responsabilidade ambiental na visão de acadêmicos da área da saúde. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 39-44, 2012.

MATTIONE, Fernanda Carlise; BARCELLOS, Sérgio B. Ações em Educação Ambiental e Educação Popular e Saúde: uma Inter-relação Possível. In: V ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2010, Florianópolis. **Anais...** Disponível em: <<http://bit.ly/18meMtE>>. Acesso em: set. 2013.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 98 p. (3ª reimpressão, 2002).

MORAES, Maria Cândida; DE LA TORRE, Saturnino. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

VIEIRA, Ana Carolina Pires; OLIVEIRA, Silmara Sartoreto de. Educação Ambiental e Saúde Pública: uma análise crítica da literatura. **Rev. Ambiente & Educação**, v. 16, n. 1, p. 37-44, 2011.